



### POLÍTICA OPERÁRIA

## Organizar a Luta

Cada dia que passa fica mais claro o entrelaçamento da política burguesa com o crime organizado. O fio condutor está na ligação cada vez mais evidente do presidente e seus filhos com as milícias. A descoberta do esconderijo de Fabrício Queiroz é mais um capítulo nesta trama. O governo Bolsonaro se encontra acochado e obrigado a fazer parcerias que antes dizia se tratar de “velha política”. Os cargos que estão sendo dados para o centrão, o enfraquecimento da ala ideológica ligada à Olavo de Carvalho, incluindo aí a saída de Abraham Weintraub, mostram que o governo tem tentado se blindar para evitar um possível processo de impeachment impulsionado pelas oposições. O problema é que o impeachment só vai pra frente se a burguesia, os militares e o imperialismo quiserem. A oposição adaptada ao jogo parlamentar luta para trocar um governo burguês por outro. Este não é o método próprio dos explorados.

Isso tudo se desenrola enquanto o Brasil já passa de 60 mil mortes e 1.300.000 casos de Covid-19. A implantação da política burguesa do isolamento social, denunciada por todos os órgãos do Partido Operário Revolucionário, foi completamente aceita pelas esquerdas, enquanto seguem no assistencialismo oportunista e eleitoreiro. Centrais sindicais, sindicatos e movimentos sociais e estudantis deixaram de organizar e preparar os trabalhadores e a juventude para a luta.

Para a juventude, o impacto desta política é brutal. Amargam uma enorme parcela dos desempregados e informais, muitos não podem ou não conseguem receber a miséria do auxílio emergencial. Aqueles que estudam são obrigados a engolir a seco o Ensino à Distância (EaD), implantado pelos estados e municípios sem a mínima condição e estrutura. No estado de SP menos de um terço dos alunos estão frequentando as aulas online. Teve momento em que este índice não passou de 13% dos matriculados. Se não bastasse isso, Dória anunciou o retorno presencial em setembro, com revezamento, mantendo o falido EaD.

*A juventude com consciência de classe não deve seguir as esquerdas eleitoreiras e oportunistas na tentativa inútil de retornar para a quarentena. O poder econômico já determinou a reabertura das atividades (incluindo as escolas) e segue condenando milhares à morte e milhões à miséria. A tarefa da juventude neste momento é se organizar e preparar a dura luta que teremos pela frente. É preciso pressionar as direções do movimento para que organizem a luta. Chamar as assembleias para decidir o método de luta e as bandeiras dos estudantes e da juventude em geral. Só assim será possível combater não só Bolsonaro, mas também os governadores em sua hipocrisia de defesa da vida, condenando as massas à contaminação e à fome.*

## Aumenta a Matança de Jovens Durante a Pandemia

### CASO GUILHERME

Casos como o de George Floyd, assassinado pela polícia estadunidense, são diários no Brasil, atingindo principalmente a juventude pobre e preta. Só em junho, vimos imagens de pelo menos 2 jovens (um em Carapicuíba outro em Ibaté) já rendidos sendo asfixiados em abordagens policiais, cenas muito parecidas com a do caso de Minneapolis, que causou tanta repercussão e espanto nos brasileiros.

Estivemos diante da notícia do sequestro e assassinato de Guilherme Silva Guedes, de 15 anos. Tudo indica que foi morto por 2 PMs do BAEP de São Bernardo do Campo (Sargento Adriano Fernandes Campos, já preso, e outro ainda desconhecido), no dia 14/06, que o abordaram na porta da casa da avó, quando faziam serviço de segurança privada. O corpo de Guilherme foi encontrado no dia seguinte em Diadema, com sinais de agressão e dois tiros.

Revoltados com o assassinato e com a constante violência policial, centenas de moradores da Vila Clara, Zona Sul de São Paulo, fizeram protestos radicalizados, queimando ônibus, bloqueando uma avenida próxima e exigindo justiça. Após os atos, segundo a família de Guilherme e vizinhos, houve rondas e ameaças da polícia por vários dias. Cerca de 30 adolescentes que protestavam foram perseguidos e certamente temem pela vida.

Está mais do que provado que, durante a pandemia, a polícia não deu trégua. A matança de jovens só aumentou, como parte da barbárie capitalista. As ruas mais vazias são o terreno perfeito para se cometer os assassinatos, abusos, abordagens violentas e espancamentos.



Os índices de abril (SSP-SP) revelam que o aparato repressivo, comandado pelo Coronel Fernando Medeiros, matou 1 a cada 6h no estado, batendo um novo recorde histórico, desde o início da divulgação em 2001. Foram registradas 116 mortes pela PM no mês, um aumento de 54,6% comparado a 2019. De janeiro a abril, foram 373 jovens mortos sob a política genocida do governador Dória, que alega descaradamente que são casos isolados, de “1% de maus policiais”, e que passarão por novo treinamento. O secretário-executivo da PM, coronel Álvaro Camilo, declarou intenção de colocar câmeras nos uniformes dos PMs para registrar as ocorrências. A ladainha de reformar a polícia volta a ser repetida, mas só os ingênuos acreditam. ►

*A juventude pobre, preta e demais oprimidos devem ter claro que não podemos confiar no mesmo Estado burguês que comete tais crimes, para em seguida dizer que vai investigar, julgar e punir os responsáveis. A justiça pelos assassinatos de Guilherme, João Pedro e outros milhares de jovens virá por meio do Tribunal Popular, organismo a ser criado pelos próprios explorados para sentenciar os crimes da burguesia. ■*

## Aos Estudantes Nada Muda com a Queda do Ministro da Educação

A crise política do governo Bolsonaro avança. Abraham Weintraub, ex-ministro da educação e fiel escudeiro bolsonarista, foi sacrificado numa tentativa de equilíbrio do governo diante dos atritos entre o Palácio do Planalto e os demais Poderes.

As direções da UBES, UNE e ANPG correram para conchamar uma suposta vitória. Weintraub não caiu por uma pressão da luta de estudantes. O certo é que sua saída se deveu às disputas interburguesas. A “vitória” proclamada por essas direções, ligadas principalmente ao PCdoB, cai por terra logo que vemos que na saída de um ministro do “núcleo ideológico”, Bolsonaro convocou para o cargo de ministro um oficial reformado da Marinha, o “meio doutor” Carlos Alberto Decotelli, ligado ao mundo financeiro, o que reforçaria a ala militar e ultraliberal do governo. Dizemos “meio doutor”, pois veio à tona que seus títulos acadêmicos foram fraudados, levando-o a pedir demissão com 1 semana no cargo.

Decotelli já participou do governo Bolsonaro: presidiu o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) de fevereiro a agosto de 2019. Declarou que “onde houver solução educacional de qualidade, nós encontraremos projeto educacional e continuidade”, ou seja, já havia acenado que a atual política educacional teria continuidade e que não haveria ruptura com as medidas que vinham sendo implementadas por Weintraub, o que significa continuidade da destruição da educação pública e avanço do ensino a distância.

Mesmo assim, UBES, UNE e ANPG, em nota conjunta, em vez de denunciar o ex-novo ministro e armar a luta dos estudantes, se limitaram a dizer que “o novo ministro não tem experiência vinculada à educação, mas sim nas áreas financeira e militar, o que é sempre motivo de preocupação”. Sua “preocupação” é puramente retórica, já que não rompe com a passividade.

*A troca ministerial deveria servir como ponto de partida para os estudantes se mobilizarem, exigindo a revogação de todas as medidas de ataque já aprovadas, a exemplo do avanço do EaD. É preciso defender um sistema único de ensino, gratuito, laico, vinculado à produção social, e sob controle de quem estuda e trabalha. É papel da vanguarda com consciência de classe, em vez de sair cantando vitória, como fizeram as direções capituladoras, trabalhar para que os oprimidos se lancem numa poderosa ofensiva contra o Estado e a burguesia, com o método da ação direta, e em defesa de suas reivindicações próprias, ligando-as à sua estratégia própria de poder, que é a de um governo operário e camponês, expressão da ditadura do proletariado, saída da revolução socialista. ■*

## A Voz dos Estudantes

O Boletim Juventude em Luta trabalha para dar expressão organizada e consciente à luta da juventude por suas necessidades mais sentidas, condições de vida e de estudo, ao mesmo tempo que vincula esta luta com a estratégia da revolução socialista. Nesse sentido, nos interessa conhecer e mostrar o ânimo dos jovens e suas lutas nos mais diversos locais. Nesta edição, mencionamos algumas ideias sobre o problema do retorno às aulas publicadas em uma carta aberta de um jovem de 13 anos.

Nesta carta, um estudante do 8º ano de uma escola da rede estadual de Santa Bárbara, no interior de São Paulo, questiona: “Aulas Online funcionam? Voltar às aulas presenciais em 2020 é realmente necessário?”. Segundo ele “a aula online ou EaD, foi uma tática de poder continuar a termos educação mesmo com todas as escolas fechadas. Mas existe um problema, a Covid-19 não tem data de término, e com isso a reabertura das escolas não seria uma escolha inteligente.”. O problema é que “Muitas pessoas não têm acesso à internet, não podendo assim cumprir as aulas



## DICIONÁRIO MARXISTA

### DITADURA PROLETÁRIA

Em sua cobertura da manifestação “pró-democracia” ocorrida em São Paulo, no dia 14 de junho, a rede Globo questionou a bandeira do POR, que dizia: “Em defesa da revolução e ditadura proletárias”. Segundo a emissora, democracia e ditadura se contradizem e a defesa da ditadura é inconstitucional. Em seguida, os bolsonaristas, hábeis difusores de fake news, passaram a alardear pelas redes sociais que a rede Globo estava defendendo a bandeira porista de ditadura proletária. A esquerda, em geral, se calou. Os poucos que procuraram responder não demonstraram o fundamental: toda ditadura e toda democracia são de classe.

O marxismo ensina que a sociedade é dividida em classes e suas transformações se processam através da luta de classes. Toda forma de Estado será a ditadura de uma classe sobre a outra. No capitalismo, os governos democráticos ou ditatoriais expressam sempre a dominação da minoria exploradora (burguesia) sobre a maioria explorada (classe operária e demais classes oprimidas). Ao contrário, a ditadura proletária é a ditadura da maioria explorada sobre a minoria exploradora.

Qualquer reivindicação genuína da classe operária irá se chocar com a ditadura de classe da burguesia. Não é por menos que a Globo falou da ditadura proletária, mas não falou das demais bandeiras do POR, de defesa dos empregos e salários, de defesa do não fechamento das fábricas, de convocação das assembleias contra as demissões etc.

*Ao levantar a bandeira de revolução e ditadura proletárias, o POR denuncia o governo direitista e fascizante de Bolsonaro, bem como a democracia burguesa, que a esquerda eleitoreira defende sob o nome de “democracia” (em abstrato). Somente pondo abaixo a ditadura capitalista e erguendo a ditadura proletária é que poderá haver uma verdadeira democracia das amplas maiorias oprimidas da sociedade, a democracia operária. E é somente assim que os explorados, com independência de classe, poderão dar resposta às crises econômica e sanitária, que vêm destruindo cada vez mais as suas condições de vida.*

*Acesse: [fb.com/massas.por](https://fb.com/massas.por)*

que são enviadas para serem feitas. Assim, quando as aulas retornarem haverá uma diferença gigante de pessoas que puderam estudar e as que não puderam”. Questiona, assim, o caráter não-universal da medida tomada diante da pandemia. Considerando esse aspecto e que “o rodízio de alunos também não funcionará”, pois haveria “de qualquer jeito aglomerações”, afirma: “a resolução desse problema é: cancelar o ano letivo de 2020.” Ele explica: “o melhor jeito é parar todas as aulas e retornar em 2021. Mesmo que essa fase acabe em outubro ou novembro, o ano letivo de 2020 seria reposto em 2021, e isso não contaria como uma reprovação, apenas um estado de emergência.”.

A carta foi muito bem recebida pelos estudantes e trabalhadores da escola. Demonstra que a juventude oprimida que sofre cotidianamente com a destruição da educação pública tem percebido os problemas da política burguesa diante da pandemia. É fundamental que esse instinto de indignação seja canalizado para a luta, por meio da organização de assembleias escolares onde a própria comunidade possa discutir e deliberar sobre o que fazer diante dessa situação, independente das imposições dos governos de plantão. ■

*Divulgue e participe do Boletim Juventude em Luta. É um Boletim que vive apenas da contribuição de seus militantes, juventude oprimida e trabalhadores. Contribua também! Participe denunciando sua situação. Envie pelo WhatsApp: (11) 99990-3179.*